

Willys de Castro: uma vida pluri e ativa

Marilúcia Bottallo

Ontem

Trucidar meu corpo

Projetá-lo ao futuro

Sem razão alguma

Hoje

Sem motivo algum

Devolvê-lo ao passado

Remontar meu corpo

Amanhã

Willys de Castro, poema inédito

Willys de Souza Castro, artista capital na compreensão do projeto construtivo brasileiro, teve uma atuação pessoal e profissional à qual pode ser atribuído o conceito de ser humano moderno inserido em um contexto de modernidade, e para a qual orientou completamente sua forma de ser e estar no mundo. Com uma necessidade de entendimento global de fenômenos, manifestados por meio de diferentes formas de expressão artística, Willys de Castro pode ser identificado como alguém cuja preocupação estética ocupou lugar fundamental em suas investigações. Em tudo percebia o rigor das estruturas que originam as formas. Buscou a essência da expressão para transmitir suas idéias, cujo sentido de beleza tem base no rigor e na uniformidade. A qualidade moderna de seu trabalho, seus muitos projetos, estudos e rascunhos indicam domínio de seu *métier*. A regularidade revela uma preocupação com a conquista de uma expressão decidida e controlada associada à busca pela originalidade. Tanto assim que, das divergências conceituais que separaram concretos e neoconcretos, Willys de Castro – como o paulista Hércules Barsotti, seu companheiro – optou por se alinhar ao grupo carioca, ainda que sob o risco de ostracismo.

Faz sentido que sua trajetória, plena de diferentes buscas e preocupações, seja marcada por interesses diversos e profundas incursões em práticas artísticas. Sua obra é pequena, o que constitui um aparente paradoxo. Porém, ao adentrarmos em seu reservado universo, percebemos que a pouca quantidade faz sentido na vida de alguém que busca a essência, a perfeição do gesto – somente pressentido – e sua inevitável forma, a profundidade e exigência auto-impostas em cada uma de suas pesquisas estéticas, filosóficas e pessoais que sempre encontraram expressão na obra tornada pública.

Conhecido por uma atuação múltipla, entrou para a história da arte brasileira como artista plástico. No entanto, embora essa tenha sido sua fase mais extensa de produção, atuou ainda como produtor em variados gêneros artísticos. Essa busca confirma o espírito moderno que se coloca como meta a transformação do mundo pela arte, cujo sedimento está no que Ronaldo Brito qualificou como a obtenção da autonomia da arte como linguagem plástica racional e universal coordenada com as estrelas produtivas da sociedade.¹ No caso de Willys de Castro, sua

busca pelo universal associada a uma formação bem estruturada lhe permitiu ultrapassar as artes plásticas, enveredando pela música, pelo teatro, pela poesia, enfim pela arte que se projeta para além dos limites que caracterizam uma determinada forma de expressão artística em relação a outras, e é percebida como uma grande ação transformadora do ser humano e seu entorno.

De Minas Gerais para São Paulo

Em dezembro de 1949, o *Diário da Noite* de São Paulo publica uma fotografia da solenidade de formatura dos alunos do curso de Química Industrial da Escola Técnica Eduardo Prado, no Teatro Municipal de São Paulo. Na foto, um dos formandos, percebido depois de alguma insistência e com o auxílio de um providencial círculo envolvendo seu rosto, é Willys de Souza Castro, jovem de 23 anos, nascido em 16 de fevereiro de 1926 na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, filho de Henrique de Castro e Cacilda de Souza Castro, o segundo de seis filhos.

Quando sua família se transferiu para São Paulo, o destino foi a cidade de Campinas. Nesse período, deu seguimento a seus estudos de piano – iniciados aos quatro anos de idade –, tendo como professor Salvador Bove, sobrinho do maestro Carlos Gomes.

Em 1941, estudou desenho e pintura com André Fort e realizou suas primeiras pinturas nas quais já se percebe uma tendência para a abstração. No mesmo ano, mudou-se para a capital do estado, onde fixou residência definitiva e passou a ser identificado, no meio artístico, como paulista. Respeitando o desejo de seu pai, trabalhou na área de química da Companhia Esso Brasileira de Petróleo, mas logo a abandonou para investir em seu trabalho como artista e diagramador.

Definia-se como pintor, escultor e projetista gráfico. Embora optando, sobretudo, pelas artes plásticas e gráficas, foi um erudito compositor musical, sério e promissor aluno de Hans-Joachim Koellreuter, de quem obteve elogios públicos. Ao longo dos anos 50, Willys dedicou-se à música, às artes gráficas e à pintura, usando o nome artístico de Souza Castro.

Ainda na década de 50, encontrou um amigo com o qual conviveria e dividiria interesses pessoais, artísticos e profissionais: Hércules Barsotti. Por sugestão de Willys, fundaram, em 1954, o Estúdio de Projetos Gráficos que mantiveram durante dez anos. Além disso, fez incursões em vários outros campos das artes envolvendo-se como intelectual e executor na criação de grupos de trabalho, associações, conselhos, editoras; criando padronagens para a indústria têxtil, participando de grupos musicais e escrevendo poesia concreta.

Em 1958, viajou à Europa: Itália, Suíça, França, Portugal e Espanha. Embora já reconhecido publicamente por seu trabalho, considerava que os encontros com artistas, críticos de arte, projetistas gráficos e industriais, acontecidos nesse período, fez parte de sua formação profissional. Embora tenha trabalhado entre 1944 e 1955 como desenhista técnico, além de ter sido estagiário em estúdios de arte e em gráficas, somente em 1951 passa a considerar-se projetista gráfico. Theon Spanudis, ao apresentar a obra de Willys de Castro em 1959, afirma que tanto Aldo Bonadei – com seus conselhos de prática – como Volpi – por muito tempo de aprendizado irregular – devem ser lembrados como importantes em sua formação artística.

Embora encontremos, desde 1948, desenhos de sua autoria em que há composições de tendência abstrata, eles ainda trazem figuras e paisagens, mas já buscam a geometrização da forma. Os desenhos de tendência geométrica começam a surgir a partir de 1950, quando desenvolve estudos utilizando planos e formas côncavas e convexas, contraposições de formas, círculos concêntricos, composições com vibrações ópticas, marcando sua vocação artística de alinhamento junto às vanguardas internacionais.

Teatro, música, poesia

Willys de Castro e Hércules Barsotti colaboraram com a Escola de Arte Dramática (EAD) de São Paulo, criada em 1948 por Alfredo Mesquita. Isso permitiu a ampliação do interesse de Castro em pesquisar as várias linguagens que se conjugam nas ar-

tes performáticas e literárias. Nesse universo, atuou em diversas frentes: como compositor, poeta, cantor, tradutor e artista gráfico.

No programa da peça *O escriturário*, mimodrama de Luís de Lima, apresentado por alunos e professores da EAD-USP em 1953, no Teatro do Estudante, em Campinas, Souza Castro figura como o compositor da música e Hércules Barsotti como um dos responsáveis pelo figurino. Luís de Lima descreveu a composição como música de pulsação, dodecafônica, para sustentar a tragédia e integrar o público ao mimodrama. O envolvimento de Souza Castro nessa obra indica que já era conhecido compositor.

Um ano antes, em 1952, havia se tornado membro da Sociedade de Mobilização Musical da Juventude Brasileira. No dia 28 de julho, o programa da sociedade anuncia um recital no Instituto Caetano de Campos, com música de câmara contemporânea em composições de Ernesto Kierski, Souza Castro e Osvaldo Lacerda. De Souza Castro, foram apresentadas, em primeira audição, as peças *Toada* (1949), *Crepúsculo indefinido* (1950) e *Policromos* (1951) com o quarteto Haydn, fundado em 1935 por Mário de Andrade.

Com uma pesquisa sempre voltada para a produção das vanguardas, em 1953 compõe uma música dodecafônica para uma adaptação televisiva da peça *O muro*, de Jean-Paul Sartre, com direção de José Marques da Costa, para o canal 5, TV Paulista. No ano seguinte, participa do programa musical em três partes do 25º Concerto da Sociedade Paulista de Arte no auditório do Museu de Arte de São Paulo (Masp).

Em 1955, Willys publica, em edição do autor, seu poema "Canto santo", dedicado a Dora. Supomos tratar-se de Dora Ferreira da Silva, poeta e tradutora de poesia que afirmou, sobre "Canto santo", ser o melhor momento poético do autor, e que um poema como aquele "faz um poeta".

Unindo música e teatro mais uma vez, recebe convite de José Renato, criador do Teatro de Arena, para dirigir o "departamento musical", responsável por estudos, debates e pequenos concertos de música moderna às segundas-feiras. Então, teve a oportunidade de desenhar os figurinos para a peça *Escola de mandos*, de Molière, dirigida por José Renato, o que lhe valeu o prêmio Revelação na categoria Figurinista de 1956, concedido

willys de castro

canto
santo

o
canto o fim

enfim
em prôto
i mpresso
um
jzigo
consigo

cálida
calma

apresentação inédita de *História de um soldado*, de Igor Stravinski, que reunia espetáculo de bailado, mímica, teatro e música para o Balé do Teatro de Cultura Artística.

Além do projeto pessoal que o envolveu no universo da poesia, da música e do teatro como intérprete, compositor, cenógrafo e artista gráfico, foi co-fundador, colaborador e diretor de arte da revista *Teatro Brasileiro*, que circulou por apenas um ano. O primeiro número foi editado em novembro de 1955. Seu diretor era Alfredo Mesquita e o redator-chefe, Sábato Magaldi. Willys de Castro ocupou a função de diretor técnico e tinha o projeto gráfico sob sua responsabilidade. Algumas ilustrações eram de Hércules Barsotti.

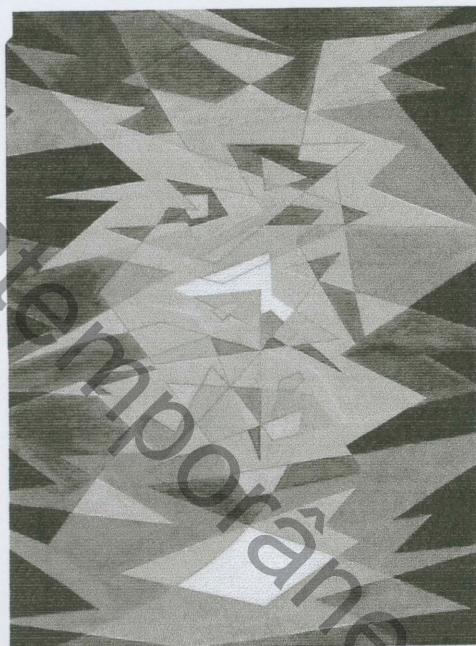
Em dezembro de 1957, surgiu no mercado editorial a revista *Vértice*, dedicada às artes em geral, da qual foi consultor técnico, e para a qual realizou a tradução, com notas, de oito poemas de E. E. Cummings, demonstrando grande domínio da língua inglesa para enfrentar um tipo de tradução difícil, tendo que se preocupar tanto com o conteúdo como com a forma – aspecto elementar para a poesia concreta.

Artes plásticas, artes gráficas

O ano de 1953 marca o início da produção das primeiras obras concretas de Willys de Castro, que expõe na Casa do Povo durante o I Salão de Agosto, no Instituto Cultural Israelita Brasileiro. Nesse ano, realiza um desenho sem título. Trata-se de uma composição geométrica na qual inscreve no verso: "Homenagem a F. Villon – Projeto para vitral". Isso nos faz presumir que os títulos das obras dessa exposição têm origem em seu interesse na pesquisa com formas geométricas, não somente a partir do concretismo via Max Bill, mas em momento anterior, no cubismo francês. No ano seguinte, tem obras aceitas no III Salão Paulista de Arte Moderna, seção de Pintura, e, em seguida, fica sem participar de salões ou exposições por dois anos.

Paralelamente, seu amadurecimento profissional em artes gráficas ganha força com a criação, em 1954, do Estúdio de Projetos Gráficos, em sociedade com Hércules Barsotti. Ali, criou vários logotipos e slogans para projetos muito distintos entre os quais

**TEATRO BRASILEIRO DE
COMEDIA**
Rua Major Diogo, 315 — Telefones: 36-4408 - 32-9912
Segunda-feira, 3 de junho
RECITAL CONCRETISTA
Pela primeira vez no mundo
Leitura de Poesia Concreta
Partituras de verbalização de Willys de Castro
Sinfonia op. 21 de Anton Webern
Para clarinete, clarone, 2 trompas, harpa,
2 violinos, viola e violoncelo
Direção geral: DIOGO PACHECO
Patrocínio: Casa Vitale, Mesbla, Discos Odeon,
Revista Alla Arriba, Mestre Jou, Livraria Jaraguá
e Ricordi Brasileira S.A.



Anúncio de uma do Recital concretista, com partituras de verbalização de Willys [newspaper advert for the Recital concretista, with oralisation scores by Willys], São Paulo, 1957.

Homenagem a F. Villon - project para vitral [Homage to F. Villon - stained-glass window project], 1953.

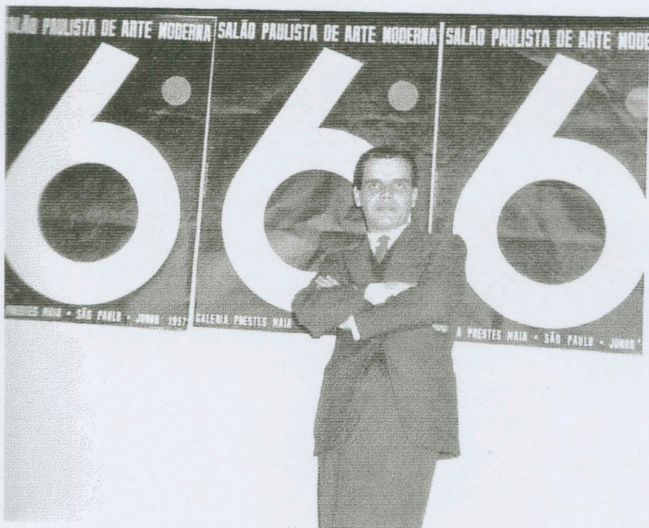
instituto de arte

destacam-se o logotipo para a Editora Enciclopédia do Rio de Janeiro, sem data; os logotipos e slogans das Tintas CIL, pertencentes à Cia. Química Industrial "CIL" de São Paulo, em 1959, além do projeto para o calendário CIL em 1960; a série de cristais e porcelanas para a Ambiente em 1960; *design* de aparelhos eletrodomésticos, sem data; os logotipos para o X Salão Paulista de Arte Moderna; o logotipo para HBC / W+B (que supomos ser o próprio estúdio de Willys e Barsotti); *design* de jóias. Executou, ainda, o *design* para as marcas registradas da Galeria de Arte das Folhas, 1961; Galeria Seta, 1963; M.S. Arquitetura Promocional, 1963; Associação de Artes Visuais – Novas Tendências, 1963; Móvel Contemporânea S.A., 1964; Centro de Colecionadores de Arte, 1968; Sobre Ondas – loja de motocicletas e peças, 1969. Por seu trabalho como *designer* de marcas, Willys de Castro e Hércules Barsotti foram citados no terceiro volume do *Top symbols and trademarks of the world*, de Franco Maria Ricci e Corina Ferrari, editado pela Deco Press. Em março de 1974, Willys recebeu um Certificado de Excelência da Deco Press por seu "alto padrão de *design*".

Preparou muitos projetos gráficos datiloscritos para livros de poemas: *Cinco poemas*, de Theon Spanudis; *Cinco contos curtos*, de Nelson Coelho; dois *Livro-poema*, de Ferreira Gullar; *Três poemas*, de Franco Terranova. Também ordenou possíveis "antologias" de sua própria obra poética, procurando apresentar seus poemas em ordem cronológica de 1950 a 1960.

Em 1955, realizou a curadoria da exposição retrospectiva de Aldo Bonadei no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Entre 1955 e 1956, cuidou da produção gráfica da revista *Teatro Brasileiro*, que publicou nove números. Em 1956, desenhou a capa do livro *Panorama do teatro brasileiro*, de Décio de Almeida Prado, publicado pela Editora Martins.

Somente em 1957 volta a inscrever obras no VI Salão Paulista de Arte Moderna, também na seção de Pintura, e ganha o segundo lugar, recebendo o prêmio Governo do Estado pela obra *Pintura 174*. No mesmo ano, foi selecionado para expor na IV Bienal de Artes Plásticas de São Paulo, na categoria pintura. Com cerca de 84% de obras concorrentes recusadas, foi bastante comentada a rigidez do júri de seleção e o corte de nomes de artistas reconhecidos.



Cartão da Galeria de Arte das Folhas com logotipo criado por Willys [brochures for the Galeria de Arte das Folhas with logo designed by Willys], 1961.

Willys de Castro em frente aos cartazes do VI Salão Paulista de Arte Moderna [Willys in front of posters for the VI Salão Paulista de Arte Moderna], São Paulo, 1957.

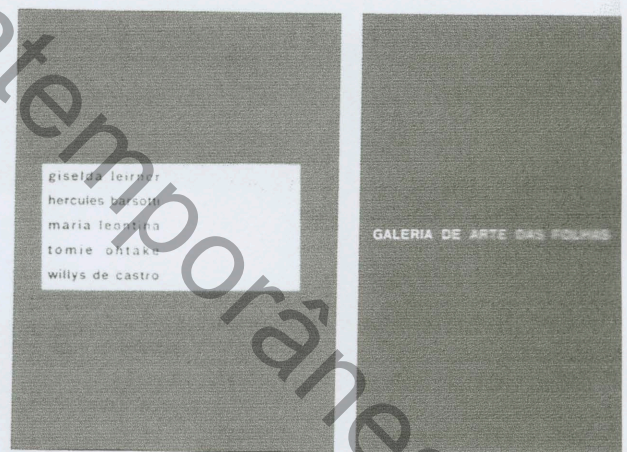
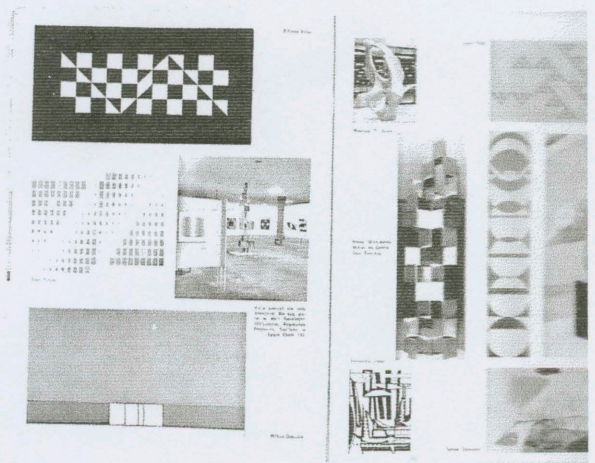
A partir de 1959, passou a receber vários convites para compor júris de seleção e premiação. O primeiro foi feito pela Secretaria de Estado dos Negócios do Governo, por intermédio de seu Serviço de Fiscalização Artística, que o designou membro do Júri de Seleção e Premiação da Seção de Arte Decorativa do VIII Salão Paulista de Arte Moderna.

Willys de Castro seguiu participando do VII (1958) e VIII (1959) Salão Paulista de Arte Moderna. No VIII Salão, além de jurado, foi membro da Comissão Organizadora da mostra, o que lhe permitiu expor três obras isentas de seleção, todas com os títulos *Pintura*. Essa edição do salão ainda causou polêmica pelo grande número de artistas recusados – cerca de 70% –, e alguns dos expoentes do concretismo paulista protestaram contra a sua eleição e a de Norberto Nicola como membros do júri.

Em julho de 1959, realizou-se uma exposição do acervo do MAM-SP em Assunção, Paraguai. Idealizada desde 1956 pelo gravador Lívio Abramo e pelo crítico de arte paraguaio Ramiro Dominguez. Willys de Castro integrou essa mostra, realizada no Salón Carlos Antonio Lopes. Em outubro, fez o projeto gráfico do catálogo da Exposição Coletiva da Galeria de Arte das Folhas, da qual participou junto com Giselda Leirner, Maria Leontina, Tomie Ohtake e Hércules Barsotti. Todos concorriam ao prêmio Leirner oferecido pela galeria. A partir daí, até 1962, todos os pôsteres e convites das exposições da galeria foram feitos por ele. Mantiveram sempre o mesmo padrão de tamanho, distribuição gráfica, biografias artísticas dos expositores simultâneas e reproduções fotográficas em preto-e-branco de obras das mostras; a diferença ficava apenas na escolha das cores das capas. Ainda em 1959, desenhou a elogiada capa do catálogo do VIII Salão Paulista de Arte Moderna.

Encontro com o grupo neoconcreto

Merece destaque a adesão de Willys de Castro e Hércules Barsotti ao grupo neoconcreto no Rio de Janeiro, com o qual expuseram em novembro na mostra Arte Neoconcreta no Belvedere da Sé em Salvador, Bahia. Willys integrou a mostra como poeta.



Páginas da revista *Vértice* sobre a IV Bienal de São Paulo, com a *Pintura 174* de Willys [pages from *Vértice* magazine on the IV Bienal de São Paulo, with *Pintura 174* by Willys], 1957

Frente e verso de catálogo da Galeria de Arte das Folhas, projeto gráfico de Willys [front and back cover for the catalogue for the Galeria de Arte das Folhas, graphic design by Willys], 1960

instituto de arte

SALÃO PAULISTA



Abre-se hoje em São Paulo o VIII Salão Paulista de Arte Moderna. O clichê acima reproduzido é a capa do catálogo do salão desenhado por Willys de Castro. O catálogo é sóbrio, de boa qualidade gráfica. Um exemplo a ser seguido pelo Salão Nacional de Arte Moderna

O Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil* do Rio de Janeiro, coordenado por Ferreira Gullar, passou a ser o porta-voz e divulgador dos valores e princípios do neoconcretismo. Ai foram publicados os poemas "Soldado" e "Deep Down", de Willys. Ferreira Gullar usou o espaço do *Jornal do Brasil* para fazer a Exposição de Livros-Poemas em 1959, da qual participaram, junto com o próprio Gullar, Willys de Castro, Lygia Pape, Reynaldo Jardim e Theon Spanudis.

Um convite para o exterior foi aceito com grande entusiasmo pelos artistas nacionais: a mostra de caráter internacional, patrocinada pela Sociedade de Belas-Artes de Zurique (Zuercher Kunstgesellschaft – Kunsthaus), no museu municipal Helmhaus, realizada entre junho e agosto de 1960. Intitulada Arte Concreta 1960 e organizada por Max Bill, a mostra tinha a intenção de mapear a história recente do concretismo no mundo, convidando representantes europeus, argentinos e brasileiros, incluindo concretos e neoconcretos, apesar de suas diferenças. No mesmo ano, fez o catálogo da exposição de Volpi na Galeria de Arte São Luiz, com biografia artística e texto sobre Volpi de sua autoria.

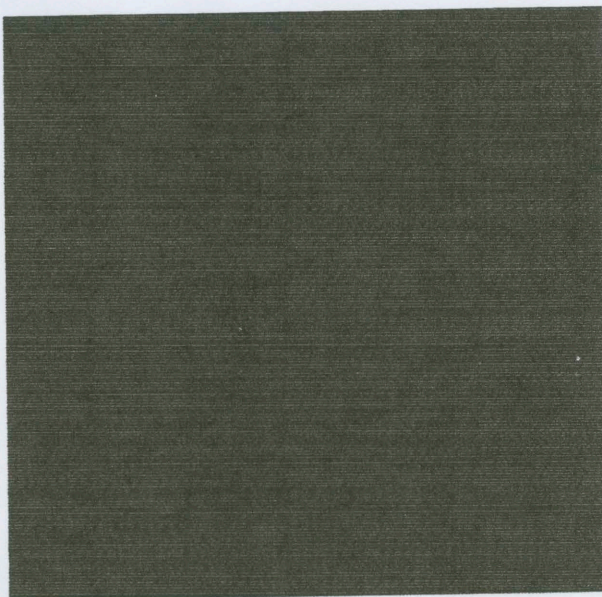
Ainda em 1960, Willys e Barsotti novamente participam da II Exposição Neoconcreta no salão do edifício do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro (atual Ministério da Educação e Cultura). Willys, dessa vez, apresentou-se como pintor, mostrando seus *Objetos ativos*. Em maio, ambos expõem na Galeria de Arte das Folhas. Era a mostra coletiva do prêmio Leirner de 1959, que foi aberta apenas aos artistas que já tinham exposto na própria galeria. Participou, também, do Salão de Artes Plásticas da A.A.C.E. Piratininga – "clube dos japoneses" – realizado em comemoração a seu 10º aniversário de fundação. Sua única mostra individual do ano aconteceu em novembro na Galeria Aremar, em Campinas, na qual apresentou sete *Objetos ativos*. Milton Lima Souza, poeta paulista, recenseou cerca de cem poetas brasileiros, de 1922 até 1960, para uma *Antologia da poesia contemporânea*, publicada pela Editora Piratininga, e cujo projeto gráfico ficou a cargo de Willys de Castro.

Em 1961, foi aceito pela VI Bienal de Artes Plásticas do MAM-SP, nesse ano dirigida por Mário Pedrosa. Foram expostos os cin-

exposição neoconcreta

inauguração 27 abril 1961 21 horas

museu de arte moderna de são paulo
parque ibirapuera



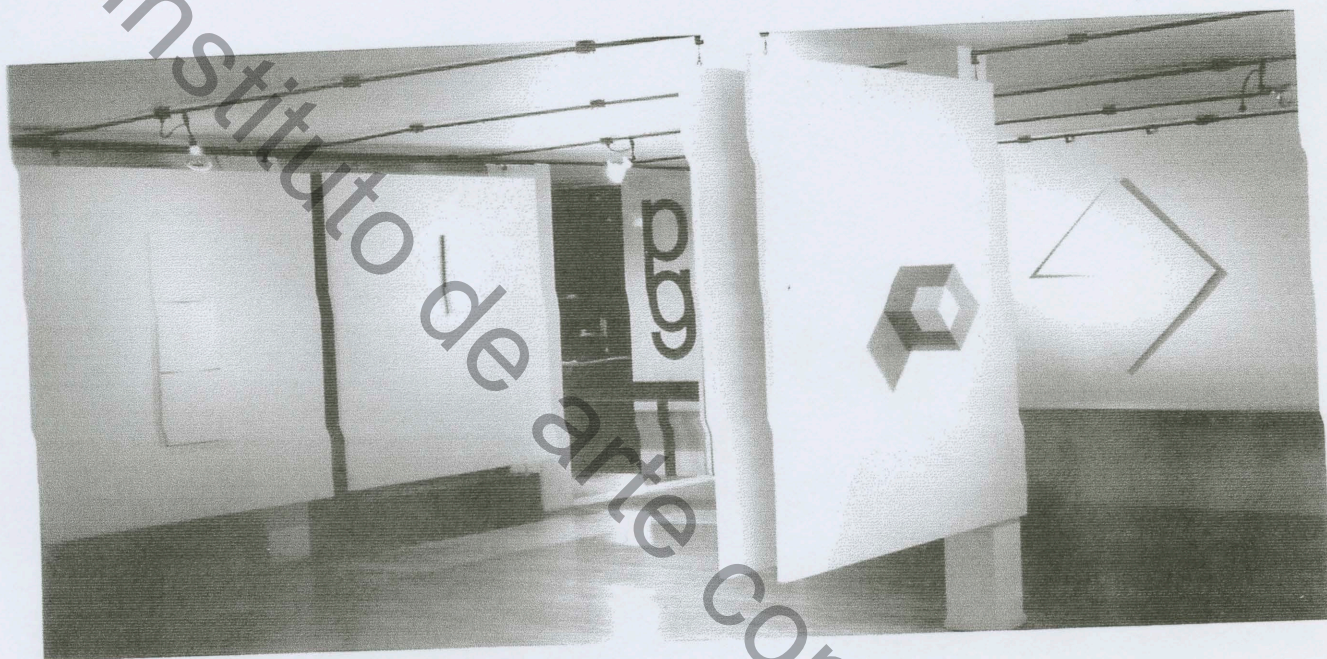
co *Objetos ativos* inscritos por Willys. No mesmo período da Bienal, foi inaugurada a 2^{ème} Biennale du Musée d'Art Moderne de Paris, na França. Chamada Bienal dos Jovens, limitava a participação a artistas de até 35 anos ligados às linguagens de vanguarda. A representação brasileira, composta por dezessete artistas – Willys de Castro incluído –, foi escolhida por comissários dos Museus de Arte Moderna de São Paulo e do Rio de Janeiro. Em abril, apresentou quatro pinturas no II Salão Anual de Curitiba do Museu de Arte do Paraná. Em seguida, participou do I Salão da Petite Galerie, no Rio de Janeiro, que contava com 25 artistas entre nacionais e estrangeiros – os quais não concorreram ao prêmio –, e com predomínio de obras de tendência abstrata.

Entre os meses de abril e maio de 1961, o MAM-SP convidou-o para fazer o catálogo e o convite da Exposição Neoconcreta, tendo sido responsável por sua composição gráfica, bem como pela montagem da exposição. Foi ele quem apresentou o movimento, cujo início é de março de 1959, como resultado da cisão de alguns artistas com os dogmas racionalistas do grupo concreto. Naquele momento, os neoconcretos já haviam realiza-

do três exposições no Rio de Janeiro, uma em Salvador e publicado cinco livros da Coleção Espaço, além de artigos e estudos críticos no *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*. Para o MAM-SP, também projetou, em 1961, o catálogo da exposição de pinturas, desenhos e gravuras de seu acervo realizada sob os auspícios da Prefeitura de Brasília no saguão do Teatro Municipal daquela cidade. No mesmo ano, o jornal *Folha de S.Paulo* instituiu um Salão de Arte Infantil, em colaboração com a Secretaria de Educação, do qual Willys de Castro participou como membro do júri. Foi também convidado pela revista *Habitat* para escrever uma matéria esclarecendo o público sobre o conceito que gerou os *Objetos ativos*. Ampliando seu bom relacionamento com a Galeria de Arte das Folhas, aceitou convite para ser membro do Conselho Artístico durante 1961 e 1962.

Década de 1960

Em março de 1962, Willys de Castro e Hércules Barsotti expuseram juntos na Petite Galerie do Rio de Janeiro e, na de São



Paulo, em novembro do mesmo ano. Foram apresentados quinze *Objetos ativos*. Willys desenhou o convite da exposição de São Paulo e o folder com as biografias de ambos. Também em 1962, participou como membro fundador da equipe editorial da Giroflé, editora voltada para o público infantil. Esse projeto contou com a participação de 24 personalidades entre artistas de várias áreas e intelectuais. Foi também jurado em um concurso de cartazes de cinema para ilustrar o Festival Polonês da Cinemateca do MAM-SP.

No ano seguinte, foi membro do júri do prêmio Ampulheta, criado pelo Serviço de Arte da Biblioteca Municipal e oferecido no âmbito do II Concurso de Calendários de Arte da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura de São Paulo. Integrou a mostra da International Society of Plastic Art, realizada no Daimaru's Exhibition Hall em Kobe, Japão. Entre os treze artistas apresentados, quatro eram brasileiros: Hércules Barsotti, Maria Bonomi, Willys de Castro e Fernando Lemos. No mesmo ano, tornou-se membro da Association Internationale des Arts Plastiques subordinada à Unesco, com sede em Paris, França. Três

anos mais tarde, em 1966, foi eleito Conselheiro da Comissão Nacional da AIAP em São Paulo.

Ainda em 1963, foi co-fundador e participante do Grupo Novas Tendências – Associação de Artes Visuais e Galeria Novas Tendências – em São Paulo, ativo por dois anos, que buscou mostrar obras de artistas de diversas tendências sem privilegiar nenhuma, e na qual acabou por reunir oponentes históricos como concretos e neoconcretos. Da coletiva inaugural, em dezembro, participaram onze expositores. O projeto gráfico do catálogo é de Willys de Castro e Hércules Barsotti. Foi co-fundador, diretor de planejamento e membro da Associação Brasileira de Desenho Industrial de São Paulo. No mesmo ano, desenhou logotipo, convite e catálogo da mostra coletiva inaugural da Galeria Seta com 36 artistas, entre eles Barsotti e o próprio Willys.

Em 1964, participou da Exposição Coletiva 3, na Galeria Novas Tendências. No Rio de Janeiro, integrou a mostra O Rosto e a Obra, organizada pelo crítico Mark Berkowitz e o fotógrafo Max Nauenberg, na qual foram apresentados os retratos de 36 artistas da Guanabara e de São Paulo, ao lado dos trabalhos recentes.

Entre agosto e setembro de 1965, o Estúdio de Projetos Gráficos de Hércules Barsotti e Willys de Castro é representado na exposição Gráficos Brasileiros, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Em setembro, ambos participam da primeira mostra Cartazes para Exposições de Artistas Modernos Brasileiros, apresentada nas vitrinas do saguão da Biblioteca Municipal em São Paulo. Para a Associação de Artes Visuais Novas Tendências e Galeria NT, cria o logotipo e, com Barsotti, faz o projeto do catálogo da exposição inaugural e o folheto da exposição individual deste, inaugurada em novembro do mesmo ano. Ainda em 1965, Willys faz a produção gráfica do cartaz, do convite e do folder da exposição de Barsotti na Petite Galerie, no Rio de Janeiro. Em setembro de 1966, participa da exposição Arte Hoy en Brasil, em Assunção.

Entre fevereiro e março de 1965, a exposição Brazilian Art Today, organizada pelo Royal College of Arts, Londres, trouxe mais de duzentas obras de setenta artistas contemporâneos brasileiros, entre eles, Willys de Castro, apresentado como abstrato. Essa exposição teve três itinerantes na Europa: Brasilianische Kunst Heute, em Viena – Museum für Angewandte Kunst, em Bonnem e Beethovenhalle no ano seguinte.

Estamparia para indústria têxtil

Entre 1965 e 1967, Willys, Barsotti e mais 22 artistas foram convidados pela Rhodia-Indústrias Químicas e Têxteis S.A. para desenhar estamparias de tecidos. Os dois assinaram as coleções do verão de 1967, 1968 e Moda Jovem Super, todas da seleção Rhodia Moda.

Década de 1970

Em fins de 1970, Willys de Castro participa da mostra inaugural da Galeria Astréia. Em dezembro de 1972, integrou a mostra da Galeria Collectio de São Paulo Arte/Brasil/Hoje: 50 Anos Depois, com curadoria de Roberto Pontual, que selecionou e apresentou uma exposição comemorativa dos cinquenta anos



ASSOCIAÇÃO DE ARTES VISUAIS
NOVAS TENDÊNCIAS

RUA GENERAL JARDIM 676
SÃO PAULO 2 SP BRASIL

INAUGURAÇÃO DA GALERIA NT
9 DEZEMBRO 1965 21:00

COLETIVA INAUGURAL I

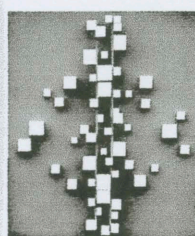
ALBERTO ALBERTI
ALFREDO VOLPI
CAETANO FRACCAROLI
HERMELINDO FIAMINGHI
JUSTH LAJANO
KAZMER FEJER
LOTHAR CHAMOUX
LUIZ SACCIOTTO
MAURICIO HOGUEIRA LIMA
MONA GOROVITZ
WALDEMAR CORDEIRO



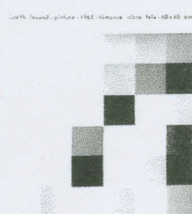
Alfredo Volpi - composição 1963 - técnica sobre tela 41x41 cm



Hermelindo Fiaminghi - composição 1963 - técnica sobre tela 41x41 cm



Waldeamar Cordeiro - composição 1963 - técnica sobre tela 41x41 cm



Waldeamar Cordeiro - composição 1963 - técnica sobre tela 41x41 cm



Cartão de convite inaugural da Galeria Novas Tendências, projeto gráfico de Willys e Barsotti [catalogue for the inaugural group exhibition at the Galeria Novas Tendências, graphic design by Willys and Barsotti], 1963.

Estampa desenhada por Willys de Castro, para a seleção Rhodia Moda [pattern designed by Willys de Castro for Rhodia Moda Selection], 1965-67.

instituto de arte contemporânea

mostra inaugural

dia 5 de novembro de 1970, às 21:00 horas
apresentam as novas instalações da

galeria astréia

rua padre joão manuel 1253 são paulo 5 sp 819998



da Semana de 1922. Para isso, escolheu 175 artistas criando paralelos entre as datas 1922 e 1972. Nesse ano e na mesma galeria, desenhou o convite da inauguração e o folder da mostra de Sergio Camargo. Da tiragem de 2.750 exemplares, 750 foram acompanhados de um relevo-múltiplo. O Masp apresentou a Exposição Comemorativa do Cinquentenário da Semana de 22, organizada por Pietro Maria Bardi. Foram criados cartazes explicativos sobre a Semana, mostrando antecedentes e conseqüências até 1947. O *Diário de S. Paulo* publicou o cartaz criado por Willys de Castro que foi distribuído pelo Conselho Estadual de Cultura, da Secretaria de Esporte, Cultura e Turismo do Governo de São Paulo.

A XII Bienal de Artes Plásticas de São Paulo apresentou, em 1973, uma sala especial com a retrospectiva Arte Concreta no Brasil. Ainda nesse ano, o Masp organizou a exposição Imagem do Brasil, no Manhattan Centre de Bruxelas, no âmbito da mostra Brasil Export '73, concebida pelo Ministério da Indústria e Comércio do Brasil, ambas com a participação de Willys. Em 1974, Barsotti expôs na Arte Global e Willys escreveu o texto de apresentação no folder. No mesmo ano, escreveu outro texto sobre a obra do artista, inserido no *Calendário-monografia 1974*, produzido pela Metal-Leve S.A.

Em 1975, na mostra A Comunicação segundo os Artistas Plásticos, na Arte Global de São Paulo, participou com uma obra.

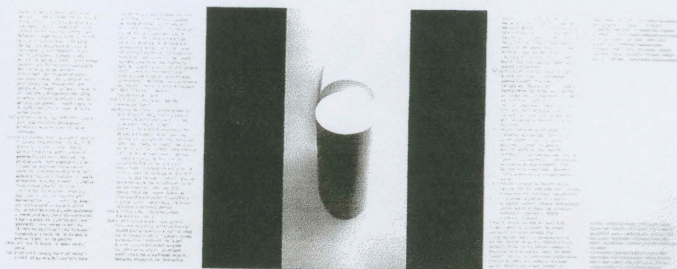
Conhecido também como colecionador, foi convidado em 1977, pela revista *Arte Vogue Brasil*, para escrever artigos sobre coleções. Embora o projeto não tenha passado do primeiro artigo, rendeu-lhe uma reflexão lúcida sobre o que qualificou como o "vício impune" do colecionismo. Outra mostra comemorativa, Projeto Construtivo Brasileiro na Arte (1950-1962), foi realizada na Pinacoteca do Estado de São Paulo e no MAM-RJ. A exposição procurou expor um panorama amplo do momento, abrangendo as várias manifestações artísticas que tomaram corpo com o desenvolvimento do projeto construtivo no Brasil. Willys de Castro, que aparece na ficha técnica como colaborador, apresentou cinco obras, três cartazes-poema e, em parceria com Hércules Barsotti, uma xilogravura.

Década de 1980

Willys projetou e editou o catálogo para a exposição de Barsotti no Gabinete de Arte Raquel Arnaud em 1981. Também nesse ano preparou com Barsotti o catálogo da mostra retrospectiva de Milton Dacosta no MAM-SP. Em 1982, o MAM-RJ realizou a exposição Contemporaneidade, em homenagem a Mário Pedrosa. Como parte da programação, foram comissionadas algumas obras. Uma compilação com depoimentos de algumas pessoas que conheceram e conviveram com Pedrosa também foi editada na ocasião. Nessa publicação, Willys de Castro relata tê-lo conhecido no MAM-RJ e, por seu intermédio, Ferreira Gullar e Lygia Clark. No final do ano, participou da exposição coletiva Mostra de Acervo, no Gabinete de Arte Raquel Arnaud em São Paulo, com outros onze artistas representados pela galeria.

Entre setembro e outubro de 1983, novamente no Gabinete, Raquel Arnaud organizou uma mostra individual de Willys de Castro. Era sua quinta individual em trinta anos. Expôs treze *Pluriobjetos* e Ronaldo Brito os apresentou como fatos plásticos inequívocos que pressupõem o grau zero de conhecimento do mundo; viu neles expressão de coerência e fidelidade ao projeto construtivo brasileiro com suas conquistas, tensões e contradições. Participou também do projeto "O espaço e a dimensão do jornal", publicado no suplemento *Folhetim 330* da *Folha de S. Paulo*. Foram apresentados inéditos de vários artistas solicitados por Rodrigo Naves a refletir sobre "os caminhos e descaminhos da visualidade em jornais". O trabalho de Willys foi o único que ocupou duas páginas inteiras, e usou como recurso a composição com linhas e palavras, assemelhando-se a um poema concreto.

A partir de 1984, o movimento neoconcreto passou a ser revisto. A Galeria de Arte do Banerj organizou a exposição Neoconcretismo/1959-1961, reunindo os principais participantes do grupo que em março de 1959 haviam assinado o Manifesto Neoconcreto publicado no *Suplemento Dominical*. Essa exposição abriu um ciclo coordenado por Frederico Moraes. Em 1985, constituiu-se em uma mostra itinerante com o título Rio: Vertente Construtiva, passando pelo Museu de Arte de Belo Horizonte,



Barsotti

Ronaldo Brito

Folder da exposição de Sergio Camargo na Galeria Collectio, projeto gráfico de Willys de Castro [brochure for the Sergio Camargo exhibition at the Galeria Collectio, graphic design by Willys de Castro], São Paulo, 1972.

Envelope para o catálogo da exposição de Barsotti no Gabinete de Arte Raquel Arnaud, projeto de Willys de Castro [catalogue envelope for the Barsotti exhibition at the Gabinete de Arte Raquel Arnaud, design by Willys de Castro], São Paulo, 1981.

Minas Gerais, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, Museu Guido Viaro, em Curitiba, Paraná, e Museu de Arte do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

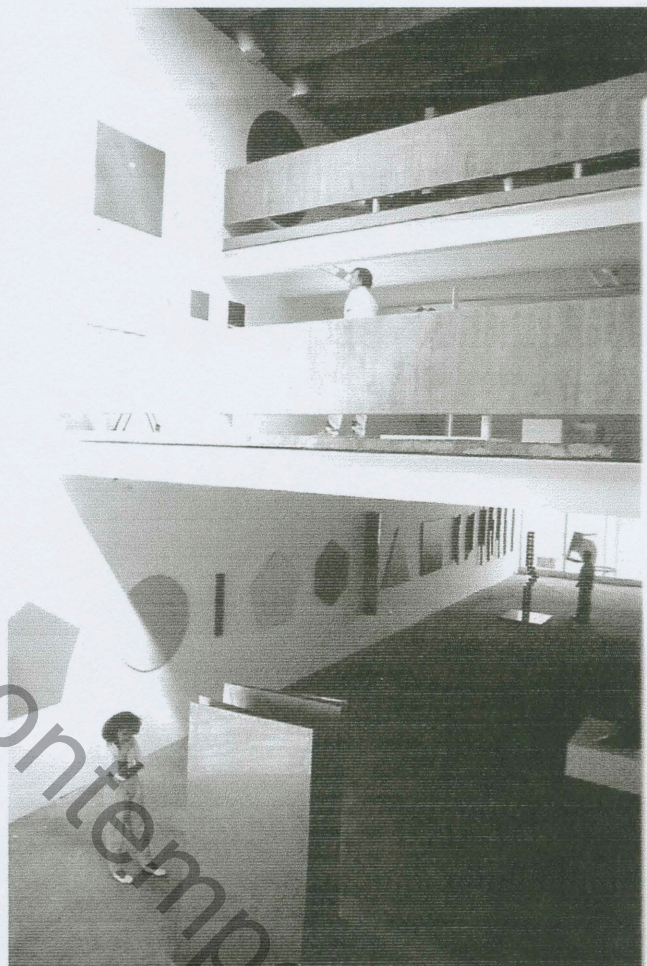
Willys de Castro integrou a exposição Tradição e Ruptura: Síntese da Arte e Cultura Brasileiras, da Fundação Bienal de São Paulo, que apresentou um panorama abrangente da produção nacional. No MAM-SP, participou da mostra Destaques da Arte Contemporânea Brasileira, paralela à XVIII Bienal de São Paulo.

Willys escreveu o texto de apresentação de Barsotti na exposição Quatro Mestres: Quatro Visões, em junho de 1985. Realizou o projeto gráfico para a capa do livro de Ferreira Gullar, *Etapas da arte contemporânea – do cubismo ao neoconcretismo*, na qual usa obra de Hércules Barsotti. Além disso, Ronaldo Brito preparava seu livro *Neoconcretismo: vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro*, para o qual entrevistou Willys de Castro, que lhe respondeu por escrito, mantendo em seus arquivos perguntas e respostas. Brito enviou a ele originais datiloscritos para uma revisão.

Em 1986, projetou, para o Gabinete de Arte Raquel Arnaud, o cartaz da exposição de Hércules Barsotti, *Obras: 1959 a 1986*. Também participou de *Modernidade: Arte Brasileira do Século XX*, em 1987, no Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, com curadoria de Aracy Amaral, Frederico Moraes, M. Odile Briot e Roberto Pontual, para a qual cedeu um *Objeto ativo*. A mostra foi apresentada também no MAM-SP em 1988. Ainda em 1987, a XIX Bienal de São Paulo organizou a mostra *Em Busca da Essência*, uma exposição sobre o reducionismo na arte brasileira, na qual apresentou um *Pluriobjeto*.

Retrospectivas e reflexão

Em 1988, mais uma vez, o Gabinete de Arte Raquel Arnaud organizou uma mostra com pinturas de Barsotti e os pluriobjetos de Willys. A exposição *Aventuras da Ordem* já não contava mais com a presença de Willys de Castro, que veio a falecer em 5 de junho de 1988. Para essa mostra, estimulado por Raquel Arnaud, realizou trabalhos inéditos. Ao longo de 1988, a obra do



Exposição *Aventuras da Ordem*, de Willys e Barsotti, no Gabinete de Arte Raquel Arnaud [“*Aventuras da Ordem*” exhibition by Willys and Barsotti at the Gabinete de Arte Raquel Arnaud], São Paulo 1988.

artista continuou sendo apresentada tanto em exposições coletivas como individuais.

Em 1989, a primeira mostra do projeto Perspectivas Recentes da Escultura Contemporânea Brasileira, organizado pela Funarte/Instituto Nacional de Artes Plásticas na Galeria Sérgio Milliet, no Rio de Janeiro, foi dedicada a ele. Nessa ocasião, seus *Pluriobjetos* foram revistos por meio de um ciclo de palestras. No mesmo ano, Raquel Arnaud organizou a mostra 10 Escultores com duas obras de cada artista do Gabinete, apresentando dois pluriobjetos de Willys, de 1988, opção também adotada pelo MAC-USP, ao organizar a exposição MAC 25 anos: Aquisições e Doações Recentes.

Em 1990, Raquel Arnaud expõe obras do artista em Coerência – Transformação. No ano seguinte, obras gráficas de Willys e Barsotti participam da exposição Construtivismo: Arte Cartaz 40/50/60", também no MAC-USP. Em 1992, duas mostras incluíram obras de Willys de Castro: *Brasilien: Entdeckung und Selbstentdeckung*, novamente no Kunsthaus, em Zurique e a X Mostra de Gravura da Cidade de Curitiba / Mostra América, no Museu da Gravura.

Entre 1994 e 1996, figurou em seis coletivas: Willys de Castro: Obras de 1954-1961, no MAM-SP, organizada por Sílvio Nery; Bienal Brasil Século XX, organizada pela Fundação Bienal; Geométricos, Exposição do Acervo: Seleção, no Masp; Arte Brasileira: 50 Anos de História no Acervo do MAC-USP, 1920-1970, e Tendências Construtivas no Acervo do MAC-USP: Construção, Medida e Proporção, ambas organizadas pelo MAC-USP; e O Mundo de Mário Schenberg, na Casa das Rosas, em São Paulo.

Em 1997, suas obras integraram a I Bienal de Artes Visuais do Mercosul, organizada pela Fundação Bienal das Artes do Mercosul, em Porto Alegre. Também participou da mostra Tridimensionalidade na Arte Brasileira do Século XX, no Instituto Cultural Itaú de São Paulo. Em 1998, foram incluídas obras de Willys de Castro na exposição *Coleção Adolpho Leirner*, MAM-SP e Arte Construtiva no Brasil: *Coleção Adolpho Leirner*, MAM-RJ. Também esteve presente no núcleo histórico da XXIV Bienal Internacional de São Paulo. Em 1999, o Instituto Cultural Itaú apre-

sentou *Cotidiano/Arte. O Consumo – Metamorfose do Consumo*, e incluiu obras suas, assim como a exposição realizada no Centro Cultural da Fiesp, organizada pelo MAC-USP, *O Brasil no Século da Arte – A Coleção MAC-USP*.

O ano 2000 marcou uma profusão de seis exposições com obras do artista. Em São Paulo, *Brasil + 500*, Mostra do Redescobrimiento, Núcleo: Arte Contemporânea, organizada pela Fundação Bienal de São Paulo, na qual aparece junto aos neoconcretos; *Escultura Brasileira: da Pinacoteca ao Jardim da Luz e Os Anjos Estão de Volta*, na Pinacoteca do Estado. No Rio de Janeiro, no Centro Cultural Banco do Brasil, com Mira Schendel e Sergio Camargo e curadoria de Ronaldo Brito participou da mostra inaugural do Instituto de Arte Contemporânea fundado por Raquel Arnaud. Em Lisboa, Portugal, integrou a mostra itinerante *Século 20: Arte do Brasil*, no Centro de Arte Moderna José Azeredo Perdigão da Fundação Calouste Gulbenkian, organizada pela Fundação Brasil + 500. Em 2001, teve obras incluídas em *Trajectoria da Luz*, no Instituto Cultural Itaú.

Merece destaque a inauguração, em 2001, de uma sala especial na Pinacoteca do Estado de São Paulo dedicada à exposição permanente de 43 obras de Willys de Castro, apresentando, de forma inédita, uma visão abrangente de sua trajetória artística. Essa sala forma o maior conjunto de sua obra exposto em uma instituição pública. Em 2002 e 2003, o Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Brasília apresentou *Arte Brasileira na Coleção Fadel: da Inquietação do Moderno à Autonomia da Linguagem*, da qual participaram obras suas. Da mesma forma, integrou a exposição do MAM-RJ *Paralelos: Arte Brasileira da Segunda Metade do Século XX em Contexto*, Colección Cisneros.

Em 2003, participa das exposições *Escultores*, *Escultura*, no espaço Pinakothek; e *A Gravura Vai Bem, Obrigado*, no Espaço Virgílio, ambas em São Paulo; e *Projeto em Preto-e-branco*, na Silvia Cintra Galeria de Arte, no Rio de Janeiro. Além disso, integrou a mostra *Casi Corpus: Arte Concreto y Neoconcreto de Brasil: una Selección del Museo de Arte Moderno de São Paulo y la Colección Adolpho Leirner*, no Museo Rufino Tamayo, na Cidade do México.

Um *Objeto ativo* foi mostrado na exposição Trama Espiritual na Arte Brasileira, no Instituto Tomie Ohtake em São Paulo no final de 2003, também apresentada no Museu Nacional de Belas Artes, do Rio de Janeiro, entre fevereiro e março de 2004. Entre dezembro de 2003 e março de 2004, suas obras foram expostas junto às de outros 59 artistas nacionais e estrangeiros na mostra Ordem x Liberdade, Arte Abstrata nas Coleções MAM e Gilberto Chateaubriand, no MAM-RJ, que teve curadoria de Fernando Cocchiarale.

“Aventuras da ordem”

Willys de Castro foi e tem sido citado em dicionários especializados, revistas, catálogos, teses e dissertações, vídeos e filmes desde 1957, tanto no Brasil como no exterior. Sua obra tem sido constantemente pesquisada e seguirá sendo. Seus trabalhos ganham corpo nas coleções museológicas e em outras coleções públicas e privadas no Brasil, Suíça, Japão, França, Estados Unidos e Itália. O vigor e alcance de sua obra extrapolam o rigor cronológico. Seu projeto artístico pode ser pressentido por meio da totalidade expressa tanto na síntese apresentada nos *Objetos ativos* como, posteriormente, nos elaborados *Pluriobjetos*. Com o recurso da reconstrução, quase cartesiana, de sua interferência ativa no universo da arte, permitimo-nos vislumbrar um pouco dessa personalidade original. Acreditamos, talvez para nossa própria tranquilidade, que tal racionalidade, neste caso, não lhe seria estranha.

Fontes

As fontes utilizadas encontram-se no arquivo pessoal de Willys de Castro, cujo inventário crítico foi realizado com apoio da Bolsa Vitae de Artes. Foram feitas consultas com Graziela de Castro, sobrinha, Wanda de Castro Valente, irmã, e Vanda Maria Marques de Castro, cunhada de Willys (as duas últimas por intermédio de Graziela), e com João Bandeira.

¹ Brito, Ronaldo (org.), *Mira Schendel, Sergio Camargo, Willys de Castro* (Rio de Janeiro: CCBB, 2000), p. 46.

